

Entrevista de István Mészáros a Giorgio Riolo*

Esta entrevista, a cuja transcrição reproduzimos com alguns cortes, foi realizada em dezembro de 1997 em Milão, por ocasião de um congresso internacional organizado pela Associazione Culturale Punto Rosso¹ para o qual havia sido convidado István Mészáros. Nessa entrevista se faz referência a Para além do capital, livro que o discípulo de Lukács havia publicado recentemente, um portentoso trabalho que pode ser considerado a suma da sua atividade de pensador e de militante.

Giorgio Riolo²

Lukács já foi definido como “o homem bom”, mas eu pergunto: que relação você vê entre sua concepção de mundo e sua concepção da função, responsabilidade e caráter do intelectual e, sobretudo, o seu modo de se pôr em relação aos outros? Diz-se frequentemente, de fato, que enquanto Bloch³, homem de grande cultura e inteligência, possuía uma elevada consideração de si mesmo e era muito presunçoso, Lukács impressionava a todos que dele se aproximassem por sua extraordinária modéstia. Este é um aspecto importante, segundo penso, e faz parte de uma concepção elevada da cultura. Não é uma posição aristocrática, mas é, ao contrário, fundamentalmente democrática. Interessa-nos saber de você alguma coisa a mais sobre a sua personalidade, sobre seu tipo humano, de preferência através de alguns episódios significativos da sua vida.

* Tradução de Carlos Eduardo O. Berriel. Revisão técnica de Ronaldo Vielmi Fortes. Publicada originalmente em: <https://www.giorgioriole.it/immagini/lettura/intervistaaMeszarossuLukacs.pdf>

¹ Congresso (VVAA. *Globalizzazione e transizione*, Edizioni Punto Rosso 1998).

² Giorgio Riolo é presidente da Associazione Culturale Punto Rosso. Ensinou história e filosofia em escolas públicas e privadas italianas e publicou artigos e ensaios em uma variedade de periódicos. Atualmente, dirige a Universidade Popular Livre, onde também leciona vários cursos de filosofia, história do marxismo e literatura. É diretor da Edizioni Punto Rosso, uma editora especializada em livros políticos.

³ BLOCH, Ernst (1885-1977), filósofo alemão. [As notas biográficas foram preparadas por I. Eörsi, em 1982, para o livro *Pensamento vivido* e acrescentadas nesta entrevista pelos editores.]

Mészáros: Para este propósito, é necessário levar em consideração tanto a literatura quanto a relação entre política e poesia e entre política e trabalho intelectual na Hungria naquele período. O grande exemplo para Lukács era o poeta Endre Ady⁴, uma pessoa que ele muito admirava e que era a personificação desse espírito democrático, inclusive no campo revolucionário. Ady era um homem que, na sua luta contra o poder constituído, contra aquilo que definia como o “pântano húngaro”, havia sempre refutado os compromissos. Era necessário, pois, ainda que o criticando do ponto de vista intelectual, valorizar a sua paixão política e o seu alto senso moral.

Lukács, que possuía uma imensa admiração por Ady, como consta desde seus escritos juvenis, desejava encontrá-lo, e certa vez um pintor seu amigo, que havia retratado Ady, tentou, para agradá-lo, promover um encontro entre os dois. Naquela ocasião, porém, Ady estava provavelmente muito bêbado para se dar conta de quem estava diante de si e Lukács, por sua vez, tímido, havia se retirado em um canto. Portanto, nada aconteceu.

Lukács fez, entretanto, amizade com os famosos músicos Bartók⁵ e Kodály⁶, os quais, como ele próprio, foram também grandes rebeldes, muito íntegros e de natureza nobre, bem distantes de qualquer compromisso com o existente.

Quanto à tradição filosófica húngara, é necessário admitir que esta era bastante insignificante, porque jamais chegou a se exprimir como escola, como corrente etc. Um ou outro poeta iluminado, refletindo sobre os problemas da época e sobre as contradições da sociedade, escreveu, além de obras poéticas, também alguns ensaios. Na obra do próprio Ady, existem sete, oito volumes de ensaios voltados para temas políticos e de crítica literária. Também Sándor Petöfi⁷, ilustre poeta do renascimento húngaro, era um notável pensador, embora tenha morrido no campo de batalha antes dos 30 anos de idade.

⁴ ADY, Endre (1877-1919), o mais importante poeta lírico húngaro do início deste século.

⁵ BARTÓK, Béla (1881-1945), compositor húngaro mundialmente conhecido. De 1907 a 1934 foi professor de piano na Escola Superior de Música de Budapeste. Emigrou para os Estados Unidos em 1940.

⁶ KODÁLY, Zoltán (1882-1967), compositor, sendo, junto com Bartók, o representante mais importante da moderna música húngara. Como pesquisador da música popular, coletou antigas canções populares húngaras, que mais tarde foram publicadas em vários volumes pela Academia de Ciência. Kodály também era professor de música e foi graças a ele que, na Hungria, as aulas de música nas escolas se tornaram parte importante da educação. Foi professor na Escola Superior de Música da Hungria.

⁷ PETÖFI, Sándor (1823-1849), poeta húngaro, importante figura da Revolução de 1848. Em 1844 tornou-se redator e, a partir de 1845, viveu como escritor *free lance*. Morreu em combate na Transilvânia como major do exército revolucionário húngaro.

Já citei Ady, estimado como poeta e pensador. Recordarei também o fino intelecto de Attila József⁸, um dos pensadores húngaros mais estimados desse período, que se distinguia por um elevado senso moral. Falei dele no meu livro *Para além do capital*. Ele conectava os problemas da sociedade com as questões pessoais.

Lukács foi o primeiro a compreender a poesia de József, um gigante da literatura mundial do século XX. O poeta, muito jovem ainda, nos anos 20, foi se encontrar com Lukács em Viena e este último o encorajou no caminho escolhido e lhe apontou o valor dos seus ensaios críticos.

József era um socialista politicamente ativo, mas em um certo momento foi injustamente expulso do partido. Este fato representou para ele uma tragédia irreparável e foi uma das causas que determinaram o seu suicídio em 1937, aos 32 anos de idade. Talvez József pudesse estar vivo ainda hoje, se não tivesse escolhido esse fim. József havia compreendido muito bem o perigo mortal que o nazifascismo representava para o mundo e assistir a essa precipitação na direção de um desastre total, sem que nenhuma força fosse capaz de se opor, contribuiu muito para o seu gesto trágico.

Lukács era um bom crítico literário e possuía também uma sensibilidade estética tão refinada que lhe possibilitava um olhar mais amplo, de fazer conexões mais profundas. Os seus trabalhos mais interessantes estão, de fato, nas relações entre arte, filosofia e história. Essa capacidade lhe permitiu valorizar, desde muito jovem, além das grandes obras de József, também as obras de outros poetas e escritores. Não escapava a Lukács nem mesmo o aspecto problemático da obra de József, pois já na juventude conhecia a sua visão do mundo e a sua rebelião. József, quando foi expulso da Universidade de Szeged, lançou um desafio poético que terminava com a proposta: “Eu ensinarei a todo o povo e não à classe média”. Como estudante universitário teria se tornado, de fato, professor das classes médias. Também nele a rebelião era inseparável da moralidade.

No que tange a Lukács, a sua inspiração principal, desde muito jovem, foi a de escrever um tratado de ética. Este projeto esteve presente durante toda a sua vida, acompanhando-o inclusive na tarda idade, mas sempre houve alguma coisa que

⁸ JÓZSEF, Attila (1905-1937), juntamente com Ady, foi o mais importante poeta lírico húngaro do século XX. Foi membro do PC ilegal. Suicidou-se.

impediu a sua realização. Estou convencido, porém, de que, mesmo que vivesse até os 150 anos, não teria conseguido escrevê-la como pretendia. A ontologia, efetivamente, que deveria ser apenas uma introdução à ética, foi na realidade uma premissa realmente longa, com cerca de 3.000 páginas. Os escritos de ética que nos chegaram, como notas e apontamentos são, entretanto, de fato, de escassa substantividade.

Ele conseguiu fazer apenas extratos de obras referentes à ética, de Aristóteles a Agostinho, a Pascal, a Montaigne etc.

Mészáros: Certamente Lukács conhecia a literatura filosófica sobre ética, mas isso não era suficiente para compor a sua obra, a *Ética*, como deveria ter sido. Era impossível escrever, de qualquer forma, nas circunstâncias de então, um tratado de ética, como escreveu no ensaio *O filósofo do tertium datur*, logo após ter deixado a Hungria em 1957, pois, para poder enfrentar os problemas mais abstratos da ética, seria necessário antes se empenhar em uma análise sistemática dos problemas da política. Você pode imaginar se isso era possível de ser feito na Hungria naquele período. Isso era impensável não apenas pelas evidentes circunstâncias externas, mas inclusive por questões “internas”, isto é, pela interiorização, por parte de Lukács, do tipo de desenvolvimento soviético. Essas foram as duas questões que obstaculizaram a realização de seu grande projeto.

Ele começou a trabalhar em um esboço de ética já nos tempos de Heidelberg, quando estava em relação com Max Weber, mas mesmo então acabou escrevendo um ensaio sobre estética, dado que sobre o tema tinha já muito trabalho preparatório.

No primeiro decênio do século, Lukács já havia produzido muitos trabalhos literários, tendo lido muitíssimo e adquirido um conhecimento enciclopédico da literatura, seja húngara, seja mundial. Ainda no período de juventude, escreveu, inclusive, diversos volumes de ensaios e uma importante história do drama moderno, que foi publicada em 1910, muito antes de *A teoria do romance*.

Lukács, entretanto, considerava esses trabalhos de menor importância, apenas como um passo na direção da síntese ética. Ele continuava a se ocupar dos problemas de ética de várias maneiras. A um certo ponto, todavia, também Max Weber o aconselhou a se dedicar a outra coisa, dado que não conseguia levar adiante aquele

projeto.

Mais tarde publicou, *A teoria do romance*, que fazia parte de um complexo de projetos e que obteve um grande sucesso, inclusive do ponto de vista das *Geisteswissenschaften* (ciências do espírito ou humanas). Muitos grandes estudiosos da história da literatura e da arte consideraram esse ensaio uma verdadeira obra-prima.

Entrementes explodiu a Guerra e em seguida a Revolução. Naquela ocasião, os caminhos com Max Weber e Thomas Mann se separaram, dado que os dois grandes intelectuais alemães eram então chauvinistas e ardorosos defensores da causa alemã. Lukács, ao contrário, sendo húngaro, era fortemente cético e pensava que a Guerra só poderia conduzir a novos desastres.

Para Lukács a questão da responsabilidade dos intelectuais era por demais importante e ele sempre viveu de acordo com tal ideal. Durante a Guerra muitos intelectuais, ao contrário, abdicaram disso, pelo menos temporariamente. Sabemos bem, de fato, que Thomas Mann recuou de seu caminho, vindo a se tornar um dos escritores de referência para Lukács. Completamente diferente se deu com relação a Max Weber, o qual não apenas foi um apoiador da Guerra mas se revelou depois, inclusive, um simpatizante do protofascismo.

Um historiador relatou, a este propósito, uma conversa ocorrida entre Ludendorff e Weber, na qual este último descrevia o seu ideal de democracia como uma situação na qual o povo vota e elege o seu representante, possivelmente um líder forte, carismático, após o que o seu dever é o de se calar e de obedecer. Ludendorff concordava amplamente com essa ideia de democracia.

Existe aqui uma bela diferença em relação à ideia democrática do Lukács de então: uma democracia revolucionária baseada nas massas populares, a mesma concepção de democracia que tinha na ocasião em que entrou no Partido Comunista e quando, em seguida, identificou-se com a Revolução Russa. Ele via a possibilidade de futuro com essa perspectiva. Na parte final de *A teoria do romance* aparece, de fato, uma visão da Rússia dostoiévskiana, idealizada e purificante, e a Revolução Russa era a realização desta visão.

A este respeito quero recordar como Bloch, em uma entrevista, afirmou que Lukács

desposou a primeira mulher, a revolucionária Anna Grabenko⁹, porque estava entusiasmado pela Rússia e pela alma russa.

Mészáros: Eu não levaria Bloch muito a sério, seja porque o matrimônio ocorreu antes da Revolução, o que por si já exclui a hipótese, seja porque Gertrud Bortstieber (segunda esposa de Lukács) me contou que Lukács era enamorado por ela desde muito jovem e que lhe fazia a corte mesmo sendo ela três anos mais velha que ele, tanto que ela se perguntava: “mas o que eu faço com este fedelho?”.

Gertrud casou-se com um matemático já maduro, que logo morreu de tuberculose, deixando-a com dois filhos. Um deles teve uma história trágica¹⁰, quase dostoiévskiana, porque foi preso na Rússia e deportado para a Sibéria, a que sobreviveu por puro acaso. Não conseguindo mais, realmente, suportar aquela vida, numa noite de inverno se deitou ao ar livre, na neve, para adormecer e não acordar mais. Por sorte foi descoberto por um dos guardas do campo de concentração, levado para um lugar quente e ajudado a voltar a si. Havia algum clarão de humanidade mesmo em meio àquela extrema desumanidade. Mais tarde, nos anos 50, Verkov, que havia estudado engenharia, tornou-se economista e exerceu alguma influência sobre o movimento estudantil na Alemanha. Morreu bem velho, no ano passado. Com trajetória distinta, seu irmão Lajos, que era um físico prestigiado e um dos colaboradores de Schrödinger, escapou do fascismo refugiando-se na Irlanda e na Inglaterra.

Após a Guerra, os dois rapazes retornaram à Hungria. Lukács, entretanto, retornou apenas um ano mais tarde, empenhando-se para localizar e facilitar o retorno do filho Verkov. Desposou, portanto, Gertrud, que era viúva de seu primeiro marido. Foi um matrimônio maravilhoso, pois com ela compartilhou 40 anos de vida e de pensamento. A ela dedicou *História e consciência de classe*. Viveram em grande pobreza, comendo apenas polenta e feijão. Lukács, naquele tempo, se refugiara em

⁹ O nome da primeira esposa de Lukács é, na verdade, Elena Andreyva Grabenko. Trata-se, aqui, provavelmente, bem como na menção seguinte à mesma pessoa, de um erro de transcrição. [Nota dos editores]

¹⁰ Trata-se de Ferenc Jánossy (1914), economista, filho da segunda mulher de Lukács, Gertrud Bortstieber. Viveu com Lukács na União Soviética, foi preso, ficou num campo de prisioneiros na Sibéria. O nome citado logo adiante, Verkov, provavelmente é outro erro de transcrição.

Viena porque estava condenado à morte pelo tribunal de Horthy¹¹. Sabia-se que existiam planos para raptá-lo. Diversas pessoas naquele período foram, de fato, raptadas, levadas para a Hungria e enforcadas.

Sobre isso Lukács nos contou que, certo dia, o chefe da polícia de Viena, tendo sabido de alguma maneira que ele possuía uma pistola, mandou chamá-lo e o avisou que era proibida a posse de armas. Lukács explicou que carregava a pistola para não ser raptado pela polícia de Horthy, ao que o policial exclamou: “professor Lukács, o senhor eu deixaria que possuísse até mesmo um canhão, mas lei é lei”. Lukács respondeu que até lhe entregaria a arma, mas honestamente devia confessar que a primeira coisa que faria saindo do edifício seria comprar outra. Esse era o homem. Essa mesma pistola foi depois jogada no rio Spree, em Berlim, quando os nazistas já estavam no poder e matavam as pessoas. A decisão foi tomada depois de ser submetido a uma inspeção por parte da polícia, que lhe revirou a biblioteca.

Em Viena ocorreu um encontro muito interessante com Karl Mannheim¹², que era um jovem que frequentava o grupo deles e tinha cerca de dez anos a menos que Lukács. Contemporaneamente, chegaram outros dois ou três jovens e Lukács garantiu um posto importante para eles quando, em 1919, tornou-se ministro da Cultura. Mannheim recebeu assim a sua primeira cátedra universitária durante a República dos Conselhos na Hungria.

Em 1925, quando Lukács estava em Viena, apareceu o trabalho mais famoso de Mannheim, intitulado *Ideologia e utopia*. Lukács lhe disse: “Mannheim, você deveria se envergonhar, tudo bem que tenha roubado os meus pensamentos, mas pelo menos deveria ter encontrado as citações de Marx por conta própria”. E Mannheim respondeu: “sim, é verdade, mas eu preciso ler tantas porcarias dos meus colegas da universidade que não tenho tempo para ler os clássicos”. Muito honesto. Lukács se lamentava de não ter um gravador naquele momento.

Mannheim obteve com aquele livro a sua segunda cátedra universitária na

¹¹ HORTHY, Miklós (1868-1957), político, contra-almirante. Em 1919, apoiado pela Entente, pôs em combate tropas contrarrevolucionárias contra a República Húngara dos Conselhos, que subjogou sangrentamente. Em 1920 foi regente. Em 1944, após o golpe de Pfeilkruetzler, foi substituído. As potências ocidentais o prenderam na Baviera como criminoso de guerra, mas não o entregaram ao governo húngaro.

¹² MANNHEIM, Karl (1893-1947), estudou em Budapeste, Freiburg, Berlim, Paris e Heidelberg. Foi aluno de Max Weber, em 1926 foi livre docente em Heidelberg, e em 1930, professor em Frankfurt. Em 1933 emigrou para a Inglaterra, onde foi professor; em 1942 passou a lecionar no Institute of Education.

Alemanha, e Adorno, que foi ultrapassado no concurso por apenas um ponto, jamais o perdoou. Foi uma espinha no seu coração pelo resto de sua vida. Mannheim obteve ainda uma terceira cátedra na Inglaterra, e então foi parado após a ascensão dos fascistas. Em suma, ele foi o único a obter uma primeira cátedra durante a ditadura do proletariado, uma segunda na Alemanha ultraconservadora e uma terceira na Inglaterra liberal.

Mannheim teve um percurso totalmente diverso do de Lukács, que possuía um elevado senso moral, enquanto o primeiro era afeito aos compromissos; procurava sempre manter boas relações com o poder, criava teorias falsas e era muito anticomunista. Ele elaborou a teoria segundo a qual, quando o comunismo se estabelece em um país, pelos 500 anos seguintes não se pode mais fazer nada, não se pode mudar nada.

Karl Popper teve o mesmo tipo de atitude. Penso no seu trabalho *A sociedade aberta e seus inimigos*. Lukács permaneceu, ao contrário, sempre fiel ao pensamento comunista.

Quando Lukács aderiu ao Partido Comunista húngaro, para além das simpatias anarcossindicalistas as quais ele mesmo admitiu, que tipo de relações mantinha com os outros militantes do Partido?

Mészáros: No Partido Comunista húngaro havia duas facções, uma mais poderosa e stalinista, sustentada por Béla Kun¹³, e a outra liderada por Landler¹⁴, que era proveniente do movimento sindical. Lukács pertencia a esta ala, era o seu teórico. Entre eles havia muitos conflitos. Foi uma história horrível quando a parte majoritária do Partido, de Béla Kun e companhia, ordenou-lhe que fosse trabalhar como clandestino na Hungria. Pode-se imaginar o medo que Lukács teve de ser preso e,

¹³ KUN, Béla (1886-1939), político comunista. Em 1919 foi líder da República Húngara dos Conselhos. Ficou exilado em Viena, e a seguir, na União Soviética, onde desempenhou diferentes funções dentro do Partido. Foi executado durante os grandes expurgos stalinistas.

¹⁴ LANDLER, Jenő (1875-1928), revolucionário húngaro. Primeiro, foi social-democrata de esquerda e líder da União Húngara dos Ferroviários; em novembro de 1918 tornou-se membro do conselho nacional; durante a República Húngara dos Conselhos foi comissário do povo do Interior, e, mais tarde, chefe do exército vermelho húngaro. Após a queda da República dos Conselhos, emigrou, tornou-se membro do PC húngaro. A partir de 1919 foi membro do Comitê Central e dirigiu o PC húngaro ilegal na emigração, onde dirigiu a chamada fração Landler contra Kun.

naturalmente, também morto, dado que a sua fisionomia era facilmente reconhecível e dificilmente alterável. Tratando-se, porém, de uma ordem do Partido, ele foi. Pouco depois Landler, então já em idade madura, morreu. O próprio Lukács me contava como Landler arruinou a própria saúde, excedendo-se na comida e na bebida, frequentando banhos turcos, onde perdia muito peso e depois bebia de uma vez quatro a cinco canecas de cerveja. Lukács tornou-se, então, o chefe da facção Landler. Não foi preso na Hungria, contrariamente ao que auspiciavam os bélakunianos.

Continuou o seu trabalho político até 1929, quando publicou as *Teses de Blum*. Este texto que, por muitos pontos, antecipava a estratégia da frente popular, foi criticado e trucidado pelo Partido, sendo determinante para o fim da sua carreira política. Daquele momento em diante, realmente, não teve mais nenhum papel político, tendo sido empurrado para a margem de tal forma que precisou mediar, através da literatura e da filosofia, tudo aquilo que desejava comunicar. Foi até mesmo expulso do Comitê Central do Partido Comunista por ser declarado suspeito e, apesar de muitos dos 120 membros do Comitê serem absolutas nulidades, não havia lugar para um homem da inteligência, do empenho e da experiência de Lukács.

De 1949 em diante, continuaram os ataques à sua pessoa. Mais tarde, em 1956, houve outra fase. Mas, antes disso, chegou até mesmo a ser preso em 1941 e passou alguns meses no cárcere na União Soviética. A sua libertação ocorreu não pela mediação dos compatriotas, mas graças à intervenção dos mais ilustres intelectuais alemães, os quais se dirigiram a Dimitrov o reprovando pelo escândalo de ter aprisionado um intelectual de tal nível internacional. Dimitroff¹⁵ o tirou da prisão, inclusive porque havia uma afinidade de conteúdos entre o texto de Lukács *Teses de Blum* e o discurso que ele – Dimitroff – havia pronunciado no decorrer do VIII Congresso da Internacional Comunista, que aprovou a reviravolta tática da frente popular contra o nazifascismo.

Gostaríamos de saber alguma coisa sobre os anos passados em Moscou e sobre o estudo que Lukács fez sobre Marx naquela cidade.

¹⁵ DIMITROFF, Georgi (1882-1949), líder do movimento operário revolucionário búlgaro e internacional. Foi preso em 1933 e acusado no processo do incêndio do parlamento alemão.

Mészáros: Lukács viveu em Moscou em dois períodos, sendo a primeira vez no início dos anos 30, quando trabalhou no Instituto Marx-Engels-Lênin e conheceu o pensamento juvenil de Marx. Depois, esteve em Berlim de 1931 a 1933. Retornou uma segunda vez a Moscou para buscar refúgio, após a tomada do poder por Hitler.

Voltemos agora à sua relação com Bloch. Ele foi para a Hungria após a Guerra. Parece que estava desnutrido e esfomeado e que buscava conhecer alguma moça húngara rica para desposá-la. Isso me foi relatado por Mary, a irmã de Lukács. Não posso, porém, garantir esses detalhes porque não os ouvi do próprio Lukács. Naquele período, Lukács entrou no Partido Comunista, mas não por causa da sua relação com Anna Grabenko, porque na realidade essa relação se rompeu logo, e muito bruscamente, dado que ela não lhe era muito fiel, mas ao contrário, possuía uma ideia muito pessoal da liberação sexual.

Voltando à Hungria, durante a Guerra, Lukács obteve um emprego como censor postal, graças a seu pai, homem de grande influência fiscal e monetária. Posso imaginar com que atenção Lukács, sentado em um escritório, lia a correspondência. Penso que, ao invés disso, lia Hegel por baixo da mesa. De todo modo, o emprego o salvou da necessidade de pegar em armas; seguramente não saberia atirar.

Exatamente nos últimos anos da Guerra, quando era censor postal e morava em Budapeste na luxuosa vila paterna, Bloch veio morar com eles. Bartók, pelo qual Lukács também tinha uma enorme admiração, morou durante um certo período naquela vila.

Durante a convivência com Bloch ocorreram conflitos, porque Bloch jamais aceitou a possibilidade de se identificar com o marxismo. Lukács, ao contrário, aderiu ao marxismo sem reservas, modificando e criticando honestamente e com convicção a sua posição precedente. Bloch tinha muito ressentimento para com Lukács por esta atitude e inclusive o reprovava.

Quando Lukács, em 1918, entrou no Partido Comunista, era quase jejuno da doutrina marxista, tendo lido pouquíssimo sobre o assunto. Na realidade, naquele período, o seu percurso na direção do marxismo não era mediado pela leitura, pela teoria, mas pela rebelião e pela expectativa da transformação graças à Revolução.

O próprio Lukács conta assim a sua entrada no Partido Comunista: uma noite,

bem tarde, chegou à sua casa um seu amigo filósofo, Béla Fogarasi¹⁶, todo comovido e animado. Contava que o Partido Comunista tinha acabado de ser fundado por 15 pessoas. Estava em plena crise de consciência sobre o que deveria fazer. E Lukács lhe respondeu: “onde está a crise de consciência? Entremos imediatamente!”. Era preciso fazê-lo. No dia seguinte se inscreveram, e ele foi um dos primeiros.

É compreensível que mais tarde, durante a revolta de 1956 – e naquele período eu vivia na sua casa –, quando estava muito claro que era iminente uma intervenção do exército russo, pela primeira e única vez na minha vida, o vi chorar. As lágrimas lhe caíam dos olhos enquanto dizia: “dediquei toda a minha vida ao Partido e agora acontece esse desastre total, irrecuperável”. Mais tarde, após a meia-noite, recebeu o telefonema do seu amigo Zoldan Sándor que lhe propunha se refugiar na embaixada iugoslava e ele, com tristeza, aceitou. Zoldan Sándor era seu amigo íntimo de muitíssimos anos e no qual ele confiava muito.

Mesmo sendo embaixador húngaro na Iugoslávia, ele tinha dificuldades porque naqueles tempos, mesmo na ausência de prévias suspeitas, bastava que alguém morasse em Belgrado para ser preso e enforcado (como aconteceu com Rajk¹⁷). Coisas similares aconteciam em 1930 na União Soviética e depois, em 1949, também na Hungria. Zoldan Sándor sobreviveu graças ao fato de que sua mulher era cunhada de Revai¹⁸. Essa parentela, porém, não influenciou sobre a sua relação com Lukács, dado que não era apenas uma ligação intelectual, mas também afetiva.

A propósito da amizade com Sandor, vem-me à mente um outro episódio que joga luz sobre o caráter e a moralidade de Lukács. Foi quando ele e Zoldan Sándor estavam em um tipo particular de prisão na Romênia. Nesse lugar se faziam, constantemente, pressões sobre as pessoas para que relatassem fatos que levassem à

¹⁶ FOGARASI, Béla (1891-1959), filósofo marxista húngaro. Importante comissário da cultura na República dos Conselhos. De 1930 a 1945 foi professor na União Soviética; a partir de 1945, professor de filosofia na Universidade de Budapeste; e, em 1953, reitor do Instituto Econômico de Budapeste.

¹⁷ RAJK, László (1909-1949) Em 1930 entrou para o PC húngaro, na guerra civil da Espanha foi comissário político do batalhão húngaro das Brigadas Internacionais. Após fuga da prisão francesa foi, a partir de 1941, líder do PC ilegal na Hungria. Em 1945 foi membro do Comitê Central e do Politburo; de 1946 a 1949, ministro do Interior; e de 1948 a 1949, ministro do Exterior. Foi condenado à morte, por “titoísmo”, sendo reabilitado em 1956 e executado após um processo público.

¹⁸ RÉVAI, József (1898-1959), político, publicista, crítico literário e ideólogo comunista. Permaneceu no exílio entre as duas guerras mundiais, vivendo por fim na União Soviética. Em 1945, voltou para a Hungria e fez parte da cúpula dirigente do PC. Foi redator-chefe do órgão do partido *Szabad Nép*, de 1949 a 1953 ministro da Cultura.

condenação de Imre Nagy¹⁹. Ele próprio, entre outros, encontrava-se na mesma prisão. Quando tentaram exercer pressão sobre Lukács, ele respondeu de modo muito honrado: “soltem-me desta prisão e, uma vez livre, quando voltarmos a Budapeste, relatarei todas as minhas diferenças com Imre Nagy. Mas contra o meu companheiro de prisão não direi uma só palavra”. Esta foi a sua posição.

O seu amigo Sándor, porém, não se comportou da mesma maneira, pois falou sob ameaças, tanto que Nagy foi condenado. O episódio me foi relatado por um dos colaboradores mais próximos de Nagy, que vive ainda na Hungria, e que não tinha nenhum interesse em contar mentiras ou enfeitar a posição de Lukács.

Depois que seu amigo fez esta confissão contra Nagy, a atitude de Lukács com relação a ele mudou radicalmente. Sabida a notícia e sendo a hora do almoço, Lukács e Gertrud entraram na sala de refeições, dirigiram-se à mesa que antes dividiam com Sándor e sua mulher, pegaram os pratos e os talheres e foram se sentar em outra mesa, onde comia uma pessoa sozinha. Era o colaborador de Nagy que mais tarde me contou o episódio. Daquele momento em diante a amizade com Sándor acabou. O episódio demonstra como a moralidade não se compromete nem mesmo com as amizades mais íntimas.

Havia uma profunda amizade inclusive com Bloch, mas por causa dos conflitos políticos, filosóficos e intelectuais inevitavelmente se distanciaram, sem, porém, jamais romperem definitivamente a amizade. Permaneceram numa relação cordial. Não puderam manter a intimidade precedente porque para Lukács um tipo de amizade assim, estreita, requeria igualmente uma afinidade de pensamento e de compromisso político. Afinidade que não havia com Bloch, nem mesmo depois da Guerra.

Essa visão da missão e da função do intelectual em uma sociedade como esta, burguesa e capitalista, parece-lhe plausível hoje?

¹⁹ NAGY, Imre (1896-1958), político, expert em questões agrárias, uniu-se na Rússia, como prisioneiro de guerra, ao Partido Comunista. De 1921 a 1928 trabalhou no Partido Comunista ilegal. De 1929 a 1944 esteve no exílio na União Soviética. De 1944 a 1953 foi ministro de diversos governos, e, por pouco tempo, presidente da assembleia nacional e professor universitário. Em 1955, devido a "desvios de direita", foi duramente criticado e expulso do Partido e reabilitado um ano depois. Em outubro de 1956, durante o levante popular húngaro, foi novamente primeiro-ministro e líder da revolução. Após a derrota do levante pelos órgãos de segurança soviéticos, foi levado para a Romênia e executado em junho de 1958.

Mészáros: Eu sou muito cético sobre essa questão, porque há uma notável diferença entre os dois períodos. Existia então uma burguesia em crise, que havia perdido a confiança em si mesma e na sua própria força. O próprio Lukács, Bloch e muitos outros intelectuais eram a evidente manifestação, não apenas dessa ausência de estima, mas também de uma crise de consciência. Os melhores entre os intelectuais burgueses que se orientaram na direção do socialismo, de fato, não demonstraram apenas uma simpatia, mas se identificaram completamente com a ideia. Hoje o discurso é muito diferente porque a nossa burguesia é agressiva e arrogante. Falta a base social dessa crise de consciência. Não existe a crise de consciência porque não há a consciência, e uma consciência que não existe não pode sofrer uma crise.

Hoje está disseminada a agressividade intrínseca do neoliberalismo. Pense onde foram parar todos os intelectuais da burguesia após o 68 e você se dará conta de que todos estão identificados com o sistema de modo acrítico. Esse é, na minha opinião, o discurso sobre a responsabilidade dos intelectuais burgueses, porque no fundo Lukács estava se referindo sobretudo aos intelectuais burgueses, não ao intelectual advindo da classe proletária. Os intelectuais são raros. Em húngaro temos uma expressão para exprimir alguma coisa extremamente rara. Dizemos: “raro como o corvo branco”, e agora estamos realmente em uma fase histórica do corvo branco.

Você disse que não existe mais a “consciência infeliz”, como a chamava Hegel.

Mészáros: Realmente, não há mais a “consciência infeliz”. Ela poderia talvez retornar em um momento de crise extrema, mas isso não se pode esperar, e se hoje você fizesse esse discurso ririam na sua cara. Pense apenas em Lukács e Sartre, duas figuras que faziam apelo à responsabilidade dos intelectuais, e verá que foram colocados de lado porque o discurso não funciona mais.

Existe ainda uma última questão muito séria a ser considerada, aquela que trata do conceito de importar a partir do externo, de fora para dentro, a consciência de classe no movimento socialista. Isso constitui um grande problema. Vimos, concretamente, o que significou nos últimos decênios importar a consciência de classe do externo. Aconteceu alguma coisa extremamente problemática porque, uma vez o

Partido tendo chegado ao poder, o externo não existiu mais, o partido de estado é estado sem partido para os de cima.

No futuro será, então, necessário rearticular o movimento socialista de maneira completamente diferente no que tange à dimensão intelectual do movimento. Se os intelectuais no passado tiveram, de fato, um papel importante na transformação da consciência da massa, da consciência do povo, a mesma coisa, penso, não ocorrerá no futuro. Os intelectuais não obtiveram um grande sucesso “na ação prática” em nenhum lugar do mundo e, portanto, não se deverá repetir o caminho, mas é preciso recomeçar do início.

Lukács costumava usar essa expressão: “quando o colete está mal abotoado, para endireitá-lo é preciso desabotoar tudo e se não usamos o colete, isso vale igualmente para a camisa ou para o paletó”. E agora estamos exatamente no estágio no qual é preciso desabotoá-lo para poder abotoá-lo de modo adequado.

Ocorre-me pensar naquela outra famosa expressão de Lukács que diz mais ou menos o seguinte: “pode acontecer de fazermos pequenas asneiras ao realizarmos grandes coisas, como a construção do socialismo, mas não obteremos grandes resultados se fizermos sempre, de qualquer forma, pequenas asneiras”. Há também aquela sua famosa afirmação: “o pior socialismo é sempre melhor que o melhor capitalismo”. Bloch, por sua vez, capturou da história da Igreja a advertência Corruptio optimi pessima²⁰. Parte daqui inclusive a ruptura radical da parte de Bloch quando foi construído o muro de Berlim em 1961. Para Lukács, entretanto, vale sempre e de qualquer maneira Right or wrong, my party. Então, aqui temos várias posições para esclarecer.

A afirmação *Right or wrong, my party* é, entretanto, defensável e não rebaixa a responsabilidade pessoal. A partir do momento em que aceito a responsabilidade pessoal e luto para mudar as coisas, aceito inclusive sofrer, chegando mesmo ao extremo. É, porém, terrível dizer que “o pior socialismo é melhor que o melhor capitalismo”, porque o pior socialismo não é socialismo. É incompatível com o conceito

²⁰ A corrupção do melhor é o pior.

de socialismo.

Você, no entanto, ouviu certa vez Lukács falar de “socialismo asiático”, mas o socialismo asiático significa barbárie asiática.

Mészáros: De fato, o socialismo asiático não é socialismo. O grande problema de Lukács é exatamente este: interiorizar certas condições externas e torná-las próprias, tal como aceitar a perspectiva do socialismo em um só país. Lukács sempre foi fiel a esse conceito.

É verdade que esse constituía também um modo de sobrevivência, e nós não temos nenhum direito de dizer: “vá se matar”. Mas, falando em um contexto diferente, tal como é o nosso, devemos ter uma outra posição e afirmar que o socialismo em um só país era um desastre, era simplesmente a justificação da barbárie mais brutal.

Infelizmente, aquela realidade era aceita de modo não inteiramente inconsciente, porque não se sabe o quanto as pessoas estavam informadas. Por exemplo, Lukács sabia do desaparecimento de seu filho, que é um fato que o tocava muito de perto, mas provavelmente não tinha nenhuma ideia da proporção gigantesca deste acontecimento. Por outro lado, como intelectual e como estudioso de Marx, podia muito bem compreender que aquele tipo de socialismo era uma contradição nos termos. E se naquela fase histórica perseguições e medo condicionavam as pessoas na mesma direção assumida por Lukács, quando ele escreveu o ensaio sobre a democracia, esse contexto já não mais existia. Isso demonstra que Lukács havia interiorizado aquela visão, aquela perspectiva.

Lukács sobreviveu a experiências tremendas, em pleno stalinismo, e coloquemos que a aceitação da estratégia do socialismo em um só país estava condicionada àquela fase histórica. Um único exemplo: a situação era muito séria e, quando um dirigente húngaro atacou Lukács nas páginas do *Pravda*, em 1951, ele confessou ter tido medo de ser preso. Deu-se depois que haviam executado László Rajk e prendido muitas pessoas. É compreensível que em tais circunstâncias fosse necessário ter cuidado com o que se falava. Mais tarde, em 1968, Lukács não precisaria temer ser preso, porque ninguém ousaria tocar naquele ancião de 83 anos, no ponto máximo da sua reputação internacional. No entanto, ele manteve as suas posições de modo coerente e não

criticou a fundo o sistema stalinista, isso é, não o criticou do ponto de vista ideológico, mas apenas de modo genérico e sobre algumas questões metodológicas. Citei a esse propósito, em *Para além do capital*, o seu discurso ao Partido no qual afirmava falar do ponto de vista da ideologia, não se considerando nem no direito nem com a competência para tratar das questões práticas e operativas da gestão do Partido. Eu não considero justo aceitar essa separação, isso é, negar a responsabilidade do intelectual e deixar o Partido fazer qualquer coisa, inclusive atos de grande sordidez, limitando-se apenas à crítica das ideias.

Repito, porém, que foram 50 anos extremamente difíceis, vividos sob pressões de vários gêneros, e aquela que no início era uma posição defensiva foi mais tarde introjetada por Lukács e por outros intelectuais, tornando-se neles quase que uma segunda natureza.

A confiança lukácsiana, para além de qualquer evidência – e ultrapassando um otimismo histórico e pessoal – era fundada também sobre a visão hegeliana, no sentido de que essa cadeia de “mediações” na trajetória do socialismo (e inclusive de falsificações), de todo modo, não comprometia totalmente o resultado.

Mészáros: Eu também acho que de algum modo os problemas acabarão por se resolver. Mas não é apenas isso, é que Lukács jamais reexaminou a sua concepção quase mítica do Partido. Essa concepção pode ser aceita, e tudo bem, desde que se aceite o Partido como a incorporação da consciência socialista e da ética do proletariado (como Lukács sublinha em *História e consciência de classe*). *En passant*, eu não aceito nem sequer essa posição, porque não creio que tais esquemas devam ser adotados.

O que acontece, porém, se o Partido se comportar de modo muito diferente? Onde está o ponto para além do qual o Partido pode ser criticado? Não existe. Se o Partido está acima de tudo, seja do ponto de vista da consciência ou da ética, então não existe a possibilidade de crítica. Essa, porém, não era a posição de Marx. Sublinhei muitas vezes que Karl Marx falava do desenvolvimento da consciência comunista das massas, pelas massas e nas massas. Não que um sujeito qualquer se apresente e lhe diga o que você deve fazer. Este é o problema do futuro. Nesse sentido, afirmo que o

discurso sobre os intelectuais deve ser revisto.

A situação desastrosa em que vivemos não pode ser resolvida nem por pequenos grupos, nem por partidos integrados no quadro da área parlamentar, mas deve ser um movimento de massa no sentido em que falava Marx. Ou seja, a consciência comunista deve ser desenvolvida pelas massas e nas massas, e não apresentada por um grupo qualquer, pequeno ou grande, como se deu. Esse é o limite da geração de Lukács (e não apenas da sua). Por isso ele chorou quando viu que tudo havia entrado em colapso.

Parece que mesmo depois de 1968, após a invasão da Tchecoslováquia, Lukács sustentou a confiança nas reformas, na autorreforma do socialismo real.

Mészáros: É verdade, e eu citei do seu chamado “testamento político” a atitude respeitosa com que solicita que o Partido permita aos cidadãos decidir onde colocar uma farmácia local. Mas que socialismo é aquele?! É terrível o fato de que o Partido deva decidir sobre cada coisa, até mesmo sobre onde colocar uma farmácia local. Eu penso que em um país socialista será necessário retomar esses poderes de decisão.

No escrito sobre democratização, porém, Lukács nos falava de um movimento de massa que deveria democratizar a sociedade, e que as instâncias desse movimento deveriam ser acolhidas pelo Partido...

Mészáros: É verdade, mas quando Lukács precisava dar um exemplo a esse respeito, falava de práticas do movimento sindical do Ocidente. Mas nada se resolve partindo do movimento sindical no Ocidente e nem mesmo partindo da greve. Por outro lado, Lukács não teria ousado falar de greve na Hungria, dado que a greve era ilegal nos estados socialistas.

É necessário reapropriar-se do poder decisório porque, se não o reavermos, esse sistema seguramente nos destruirá. Isso também será um problema do futuro. A geração precedente não poderia jamais chegar a tal objetivo porque via um significado naquele tipo de sistema. Por isso, na *Ontologia*, as referências ao poder decisório são

adiadas para um futuro muito remoto, no qual as coisas são resolvidas em termos do “espírito” (equivalente ao espírito hegeliano); nobre como aspiração, se você quiser, mas nada foi dito sobre as mediações hodiernas, isto é, de qual alavanca é preciso tomar o controle para avançar naquela direção.

A *Ontologia* contém, inclusive, referências contínuas e otimistas ao movimento estudantil. Mas onde foi parar o movimento estudantil? É, na realidade, um movimento muito limitado. Por outro lado, você mesmo disse outro dia que constitui uma bela satisfação ter 50 estudantes interessados em participar de um congresso, de uma conferência.

Naquele momento, pareceu no Ocidente que se liberavam forças vitais capazes de arrastar o restante da sociedade, inclusive a classe operária. Essas esperanças eram alimentadas pelo fato de que estavam envolvidas vastas massas da população. Os limites do movimento e a sua carência de estratégia emergiram apenas em um momento posterior.

Mészáros: Tudo, efetivamente, era organizado nas nuvens. Compreendo, de qualquer forma, como Lukács na Hungria tenha recebido com grande entusiasmo a crescente mobilização estudantil, apostando na possibilidade de organizar esse movimento contra a manipulação, aspecto sistêmico do capitalismo do século XX. Para mim, ao contrário, a manipulação é um problema menor. O problema maior me parece estar na destrutividade complexiva do capital como sistema. Este aspecto, naturalmente, era completamente ausente na visão de Lukács.

Essas considerações não constituem uma censura a uma pessoa, porque as mesmas ideias eram compartilhadas por toda uma geração. Aquela impositação crítica, por outro lado, visava a atingir também o desenvolvimento soviético, que de todo modo representava para Lukács o horizonte. Mas, se o horizonte não é interpretado de modo adequado, permanece uma fé cega em um futuro muito distante.

Esta era a posição que Bloch reprovava nele. Para chegar rapidamente à questão da herança, pergunto se permanece válida a sua definição de Lukács como “filósofo do tertium datur”.

Mészáros: Essa definição permanece válida porque define muito bem o ponto de vista dele. Hoje, ao contrário, a situação é tal que muitas vezes precisamos refutar as posições extremas e redefinir muitas coisas de um modo diferente. Os dois polos opostos, realmente, incharam-se, e se encastelar em posições extremas poderia levar, especialmente numa situação de crise, a um beco sem saída. Neste sentido, as mediações (no sentido do *tertium*) são absolutamente vitais.

Em um certo ponto de *Para além do capital* citei uma passagem de Goethe na qual ele descreve a casa paterna e conta como existia então uma lei que proibia derrubar os edifícios, que deviam ser reconstruídos, estando preservado o teto. Partindo, portanto, de cima para baixo, ao invés de baixo para cima.

Mesmo os extremismos muitas vezes gostariam de fazer tábula rasa, mas tábula rasa quer dizer o fim da humanidade. É necessário recorrer, portanto, às mediações, interligando, de um modo estratégico e exequível, o presente a um futuro realizável. Para fazer isso é necessário, porém, o máximo senso da realidade e da concretude. É um caminho realmente difícil. Nesse sentido, é válida a aspiração de Lukács de refutar os extremos. Além do mais, ninguém podia nem mesmo falar sobre isso, dado que esse caminho era claramente representado pelo stalinismo.

Devemos ainda falar da herança cultural de Lukács, pois nos parece importante esclarecer os aspectos de seu pensamento que hoje nós podemos captar em sua plenitude, pois existe a interessante metáfora do esquilo do Himalaia e do elefante das planícies, referência que afeta de modo particular os escritores socialistas. [Entre estes,] Acredita-se ser o maior entre os maiores da literatura universal só porque se possui uma ideologia presumida como mais avançada. O esquilo do Himalaia não pode se considerar maior que o elefante das planícies apenas porque está em um lugar mais alto.

Lukács possuía, de fato, uma intensa aspiração pela realização humana e pelo devir-homem do homem, prefigurado pelos grandes momentos históricos de alguns setores da sociedade e de algumas áreas do planeta. Refiro-me ao período do Renascimento, mas, sobretudo, ao homem inteiro da filosofia clássica grega. Tal aspecto aparece muito claramente na sua Estética. Então, hoje, com frequência se lê Goethe, Balzac ou

Tolstói. O problema hoje é muito evidente, nessa época de completa fragmentação dos indivíduos, de completa fragmentação da sua consciência.

Mészáros: Era realmente impossível para Lukács abster-se de se referir a Goethe e a outros grandes. Tomemos Thomas Mann. De Thomas Mann, que era já mais próximo da cultura atual, pode-se dizer que possuía uma visão crítica deste mundo, da vida no capitalismo. É um discurso, portanto, um pouco diferente daquele de Goethe, que estava mais distante da cultura contemporânea.

O socialismo hoje pressupõe uma nova atitude com relação à humanidade, no sentido da realização das potencialidades humanas, posição completamente negada nos nossos tempos. Ora, é preciso insistir por essa mudança. Por exemplo, se em fevereiro [de 1998] ocorrerá a redução do tempo, pela lei das 35 horas de trabalho semanal, é preciso compreender que não queremos apenas um tempo reduzido. Queremos também um tempo completamente transformado, que seja um tempo colocado à disposição, não um tempo ainda submetido à lucratividade do capital, porque hoje, nas nossas condições, muito ao contrário, o tempo reduzido corre o risco de ser submetido à lucratividade do capital. Não podemos escapar desse estrangulamento sem tomar o controle do sistema no seu conjunto, isto é, sem sair da relação com o capital.

Esse é o discurso sobre a realização das potencialidades humanas, ou sobre aquilo que Marx chamava de a individualidade rica. Rica não porque tem os bolsos cheios, mas porque pode realizar as suas potencialidades, usufruindo de uma relação radicalmente mudada com o tempo de trabalho.

Tudo isso é explicado na *Ontologia*, que, portanto, deveria ser lida por um número muito maior de pessoas. Compreender-se-ia, assim, a impostação geral e o vasto horizonte de Lukács, mesmo se forem enfrentados os problemas da “mediação”, que devemos resolver nós mesmos. Por outro lado, a “mediação” deve ter uma direção a ser tomada, porque de outro modo não teria qualquer significado. Sem a mediação estaremos na selva e não conseguiremos chegar a lugar nenhum.

O absurdo do pensamento popperiano consistia exatamente em condenar o conjunto, como a *pólis*. Torna-se uma blasfêmia o *little by little*. Mas que sentido tem o *little by little* se não se dispõe de uma visão geral, se não se tem a direção, se não

se conhecem os pontos de referência?

Nesse sentido, vem à nossa mente a distinção que Lukács faz na Ontologia entre o momento ideal e a ideologia, ou toda a elaboração sobre o estranhamento. Por exemplo, ele não enfrenta a mediação imediata, mas dá um quadro geral das capacidades técnicas humanas, ou seja, do desenvolvimento científico ou das forças produtivas e o desenvolvimento em sentido humano.

Pode-se dizer, portanto, para concluir, que a herança que Lukács nos deixa reside essencialmente naqueles quatro ou cinco conceitos filosóficos gerais presentes na Ontologia. Não podemos herdar realmente, e estamos quase todos de acordo, o dispositivo progressista geral da filosofia da história.

Mészáros: É necessário acrescentar que devemos aprender muito, inclusive com o seu percurso pessoal, situando-o historicamente. Ou seja, é necessário ter consciência das condições históricas particulares nas quais ele viveu. Teremos assim o modo tanto de compreender as coisas de que falamos, quanto de assumir uma posição mais crítica, inclusive com relação a nós mesmos. O conhecimento de seu percurso pessoal nos ajuda, de fato, a reconhecer quais são as limitações às quais nós também estamos submetidos, para poder superá-las – o que nos ajudará a abandonar certas posições acríticas que emergem da imediatez da situação e ultrapassá-la. Para mim existe, portanto, um enorme significado – para além da larga perspectiva e do vasto horizonte dos quais se falava antes – inclusive na sua experiência histórica, na sua formação e transformação política, ideológica e filosófica.

A escola de Lukács, a chamada Escola de Budapeste, porém, está fechada.

Mészáros: Infelizmente, as escolas são sempre problemáticas, pois servem exclusivamente para a autopromoção. Brecht, que detestava a Escola de Frankfurt, contava essa história, muito reveladora, a esse respeito. Um grande especulador mundial de cereais, sentindo-se próximo da morte, tem uma crise de consciência e decide oferecer todo o seu dinheiro à Escola de Frankfurt, com a obrigação desta de procurar as causas da miséria do mundo. O que significava fazer uma investigação

sobre si mesmo! A Escola de Frankfurt, na verdade, possuía aspectos muito problemáticos. Funcionava bem, por exemplo, para promover Horkheimer e Adorno, mas Marcuse e Fromm foram marginalizados. Também, ao que parece, os escritos produzidos nos anos 30 ficaram trancados à chave e ninguém podia ter acesso a eles.

Fale-nos de Lukács como professor.

Mészáros: Era muito brilhante e fazia com frequência piadas espirituosas e elegantes. Procurava sempre aliviar uma situação pesada ou facilitar a compreensão de um discurso árduo. Muitas vezes, durante os seminários, mostrava-se entusiasta da intervenção de alguém e prosseguia aquele discurso demonstrando sua relevância e desenvolvendo uma questão de grande interesse. Nós dizíamos que fazia o bezerro nascer antes que tivesse sido concebido pela mãe.

Seguramente, Lukács estava atento às potencialidades intelectivas dos seus alunos, não como forma de adulação, mas porque assim era o seu método de ensinamento. Estava convencido, realmente, de que o pensamento se desenvolve e se enriquece por interação entre estudante e professor. Ele conseguia ler em você as respostas que você nem mesmo sabia ter, mas, pensando depois, poderia dizer que no fundo era o seu próprio pensamento.

Como se deu seu encontro com Lukács?

Mészáros: Eu tinha 15 anos quando encontrei em uma livraria o livro de Lukács dedicado à literatura húngara. Para mim aquele livro foi uma revelação, tanto que decidi ler todas as outras obras do autor. Para comprar os seus livros, dado que eram publicados por uma casa editora burguesa, sendo, portanto, muito caros, precisei vender as minhas coisas mais preciosas, ainda que fossem muito modestas. Lido o livro, decidi que esse era o homem com o qual queria trabalhar e estudar.

Fui, portanto, para a universidade e entrei no seu instituto exatamente no momento em que ele se encontrava sob um ataque feroz e tinha todos contra si. Eu era o único que publicamente o defendia e, por este motivo, tentaram me colocar para

fora da faculdade. Antes me ordenaram deixar o instituto, mas eu me recusei. Então organizaram uma reunião de estudantes, mas eles, por sorte, ficaram do meu lado. Aconteceu então uma pequena luta de classes, e no final eu permaneci. Daquele momento em diante a nossa relação foi muito estreita; eu podia visitá-lo a qualquer momento, mesmo sem me anunciar ou tocar a campainha.

Lukács me fazia as mesmas recomendações que recebera de Simmel²¹: é preciso levar adiante o próprio pensamento até o fim, até as últimas consequências, sem se preocupar com nada. Quando se chega no muro se bate a cabeça e se veem estrelas, e então compreendemos que chegamos ao limite. Foi um conselho muito importante e se uma pessoa não o segue, mas começa a colocar uma estaca aqui e outra acolá não chegará nunca a conclusões. Por isso, não importa quantas vezes se bate a cabeça no muro, porque a cabeça é bastante dura e superará essas pancadas. Lukács o considerava um conselho metodológico muito importante.

Poderíamos continuar longamente, mas, por ora, agradecemos e estamos muito felizes não apenas pelo encontro intelectual, mas também pela relação humana que pudemos estabelecer.

Como citar:

MÉSZÁROS, István; RIOLO, Giorgio. Entrevista de István Mészáros a Giorgio Riolo. Trad. Carlos Eduardo O. Berriel. *Verinotio*, Rio das Ostras, v. 27, n. 2, pp. 431-453, mar. 2022.

²¹ SIMMEL, Georg (1859-1918), filósofo e sociólogo alemão.